

Apresentação do Dossiê n. 18: morte aparente e os fins últimos do corpo (séculos XVIII e XIX)

■

que define os limites entre a vida e a morte? Para além de suas dimensões éticas, religiosas, filosóficas e subjetivas, essa pergunta vem acompanhando os debates médicos durante anos. Desde a Antiguidade, ao escreverem seus prognósticos, os médicos procuravam definir os sinais que indicavam o estado de morte. Um dos mais remotos desses sinais era a *facies Hippocratica* (face hipocrática), caracterizada por determinadas mudanças na face do indivíduo que indicavam a morte iminente em decorrência de determinadas enfermidades e, em especial, em momentos de epidemia (Nutton, 2017, p. 147). Nesse quadro de pensamento,

* Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal de Uberlândia, onde atua nos cursos de graduação em História e Pós-Graduação, do Instituto de História. CV: <http://lattes.cnpq.br/2300258713505621>

** Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia e no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PPGEH), da Rede Nacional do ProfHistória. CV: <http://lattes.cnpq.br/2310487474847634>

*** Doutor em História das Ciências e da Saúde (FIOCRUZ). Professor no Instituto Superior de Educação Professor Aldo Mulyaert – ISEPAM/FAETEC e no Programa de Mestrado Profissional do Centro Universitário Vale do Cricaré – S. Mateus/ES. CV: <http://lattes.cnpq.br/8857028422479286>



os sinais da morte não ultrapassavam a dimensão do que era observável, como o cessar da respiração e dos batimentos do coração, e muitos filósofos colocavam em dúvida os signos do diagnóstico da morte (Crespo, 2003, p. 32).

Na concepção cristã, esse estado de limiar entre a vida e a morte é constante nos testamentos que vão do século XVII ao XIX. Conforme observou Philippe Ariès, o “medo da morte aparente foi a primeira forma reconhecida aceitável do medo da morte”. Esse medo espelha a tomada de consciência da presença dos mortos no meio dos vivos, dos corpos mortos, e não mais apenas o invólucro de uma alma imortal ou de seu duplo” (Ariès, 2012, p. 159-191). O temor de ser enterrado vivo foi alimentado pela história oral e pela literatura igualmente por séculos no Ocidente. No século XIX, Émile Zola, em um conto intitulado *A Morte de Olivier Bécaille*, descreveu os preparativos fúnebres que se seguem ao desmaio do narrador: “Eu ouvia tudo, mas os sons esmaecidos pareciam vir de muito longe. Só meu olho esquerdo ainda enxergava um clarão confuso, uma luz esbranquiçada onde os objetos se fundiam” (Zola, 2011, s.p.).

A descrição de Zola, influenciada não só pelo naturalismo, mas também pela leitura dos médicos, incorpora a percepção da medicina sobre esse fenômeno, a partir do século XVIII (Carol, 2005). Se o tema da morte prematura remonta bem antes desse período, é a partir do setecentos que a noção de morte se distancia da concepção platônica e cristã, que a compreendia enquanto evento único. Essa passou a ser vista como um processo orgânico, e conseqüentemente mais laicizado, implicando em uma nova abordagem do corpo pela medicina a partir do Iluminismo (Milanesi, 1991). A partir desse contexto, aprofundam-se debates sobre os usos dos cadáveres na medicina, bem como o recurso às práticas de reanimação para preservar a vida. Esse processo, ao qual podemos chamar de “medicalização da morte”, suscitou na Europa a publicação de diversos livros e memórias com intuito de estabelecer quais os sinais que evidenciavam a morte, de modo a evitar que indivíduos ainda com vida fossem inumados. Os médicos buscavam identificar e classificar os casos mórbidos em que a morte aparente podia se manifestar, a exemplo do coma, da catalepsia, letargia, histeria, asfixia por afogamento ou intoxicação. Propugnavam a necessidade de adotar medidas, como a criação de casas mortuárias, prorrogação dos prazos para os sepultamentos, dentre outras. Ao mesmo tempo, procurava-se transformar a declaração dos óbitos em ato médico, retirando da alçada do clero essa prerrogativa (Carol, 2005; Crespo, 2003).

No intuito de refletir sobre as questões que envolvem os fins últimos do corpo, o presente dossiê reúne artigos que procuram debater sobre o tema. Resultado de um projeto de pesquisa¹ e da colaboração de pesquisadores de instituições brasileiras e internacionais, os textos a seguir perpassam por diversas perspectivas sobre os usos do corpo *post-mortem* e a morte aparente.

A identificação do cadáver: a morte aparente no Portugal de finais do Antigo Regime é o artigo que abre o dossiê, de autoria de *Bruno Barreiros*, Investigador ligado ao CHAM, Centro de Humanidades, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova

¹ Este dossiê é um dos resultados do projeto “Os debates sobre a morte e os usos do corpo post mortem no Brasil do século XIX” (FAPEMIG/MG)”.



de Lisboa. O artigo aborda como, em Portugal, a medicina contemplou o debate sobre a morte aparente, empenhando-se em traçar a definição clínica dos critérios da morte. Em sintonia com o debate médico no contexto europeu, a discussão sobre a morte aparente, em Portugal, mobilizou a atenção de médicos e a publicação de obras destinadas a abordar o tema, entre fins do século XVIII e início do seguinte. Aliado a isso, houve também investimentos técnicos na aquisição de máquinas para reanimar os corpos de pessoas que estavam em perigo de morte por asfixia ou afogamento. Ademais, nas primeiras décadas do século XIX, a Junta de Saúde Pública tomava diversas providências para evitar enterros prematuros, sendo uma delas a determinação das autoridades de saúde de emissão de certidões de óbito que precedessem a realização dos sepultamentos. Dessa forma, o tema adquiria contornos que se relacionavam com as questões sanitárias e de saúde pública em Portugal. Conforme afirma o autor, essas “iniciativas institucionais e literárias, bem como o esforço clínico em detalhar os bons e maus critérios da morte, são um indício seguro do intenso investimento clínico na questão da morte real.”

O artigo de *Jean Luiz Neves Abreu*, pesquisador em história das ciências e da saúde, da Universidade Federal de Uberlândia, intitulado *Morte aparente e verificação de óbitos na medicina século XIX: algumas perspectivas de abordagem a partir das teses médicas*, volta-se de forma específica para o debate em torno da morte aparente nas teses defendidas pelos estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Esses textos são analisados como parte da produção médica da época, podendo ser interpretadas como forma de validação e institucionalização da medicina, na medida em que se inseriam em um contexto institucional de validação do saber médico acadêmico. Neste sentido, o autor aborda como a morte aparente e a verificação de óbitos se constituiu enquanto uma questão médica no Brasil do século XIX, reverberando nas teses escritas pelos alunos da Faculdade de Medicina. O autor argumenta que nesses trabalhos é possível identificar não apenas as discussões da literatura médica europeia sobre o tema, como também os textos assinalavam para soluções específicas que deveriam ser adotadas no país. Além da discussão em torno dos enterros prematuros, as teses também abordavam as técnicas de reanimação dos corpos daqueles que se encontravam no limiar entre a vida e a morte. Os debates sobre as inumações precipitadas foram propícios igualmente para reforçar o poder que os médicos procuravam exercer sobre a morte e os mortos, na medida em que uma das medidas defendidas era a de que somente os médicos tinham o conhecimento para definir o óbito.

Tânia Salgado Pimenta, Pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz, ligada à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e Professora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Fiocruz (FIOCRUZ), traz uma importante contribuição ao tema em *Enterros precoces e o exercício da medicina: medos populares e debates médicos (Rio de Janeiro, c.1830-c.1870)*. Ao abordar o tema a partir da legislação, jornais e periódicos médicos da época, mostra como houve uma mobilização em torno dos óbitos prematuros, que envolveu os médicos e a sociedade da época, na busca por estabelecer medidas para evitar os enterros prematuros. A autora recupera também os debates nos manuais e periódicos médicos do período. Um aspecto importante contemplado no texto é o descaso da legislação em relação



ao enterro dos escravizados, que não tinham a devida assistência e cujos registros de óbito eram bastante precários.

O destino dos corpos após a morte também revela essa desigualdade. O caso da França do início do século XIX exemplifica como os destinos finais de alguns eram marcados por privilégios e por um comércio em torno dos fins últimos do corpo na morada terrena. Essas questões são contempladas no trabalho de *Anne Carol*, pesquisadora da Universités Université d'Aix-Marseille, especialista nos estudos sobre a medicalização da morte. Em *Conserver les morts à tout prix? Embaument, concessions et désirs d'éternité en France au milieu du XIXe siècle*, a autora se debruça sobre os debates em torno dos cemitérios, em particular no que se trata da concessão privada dos túmulos e do embalsamamento. Tais práticas acabaram por constituir uma clivagem social entre o tratamento dado às elites e às camadas populares no que tange aos sepultamentos e à expectativa de eternização do corpo por meio de sua preservação.

Um dos aspectos que envolve a discussão sobre a morte aparente se relaciona diretamente com o estudo das causas dos óbitos. Esse é o tema do artigo de *André Luís Lima Nogueira*, "Operador e parteiro": manipulação de corpos vivos e mortos na construção da carreira médica no século XIX: o caso do Dr. Ernesto Mendo (Província do Espírito Santo, c. 1860-1895). O pesquisador em história da saúde, com Doutorado em História das Ciências e da Saúde pela Casa Oswaldo Cruz (COC-FIOCRUZ), se volta para o manuseio de corpos vivos e mortos em práticas de intervenção cirúrgica e realização de dissecações e autópsia, realizadas pelo Dr. Ernesto Mendo, médico que atuou na Santa Casa da Misericórdia de Vitória, na Província do Espírito Santo. A partir de um caso particular, o autor chama atenção para o papel que as autópsias desempenharam no saber médico do século XIX e a apropriação dos fundamentos da anátomo-clínica nas suas práticas. O artigo aponta como os conhecimentos mobilizados pelo médico se ancoravam em um determinado "coletivo de pensamento" do saber médico do período. Estes foram usados para conferir fama e legitimidade ao Dr. Mendo, para o exercício de suas atividades como parteiro e operador.

Os textos reunidos neste dossiê revelam as diversas matizes de um debate que se constituiu entre fins do século XVIII e XIX, no contexto europeu e no Brasil. De forma geral, as análises apontam a tentativa dos médicos em se apropriar cada vez mais do corpo morto como objeto da ciência, seja para perscrutar nele os sinais da morte, seja para tomá-lo como objeto de estudo e de manipulação. Por um lado, os médicos buscavam evitar os enterros prematuros; por outro, a morte aparente serviu de mote para defender o monopólio médico sobre os óbitos e os sepultamentos. A despeito dos conhecimentos médicos que se têm hoje sobre a definição de morte, casos de pessoas consideradas mortas que retornam à vida, esses lázaros do século XXI continuam a despertar a curiosidade e o imaginário populares e a suscitar debates entre os médicos sobre os limites entre a vida e a morte.

Referências bibliográficas

Ariès, P. H. (2012). *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.



Carol, A. (2005). La mort vécue, entre littérature et médecine. In *Les narrations de la mort*. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence.

Crespo, J. (2003). As Provas do Corpo. Os Sinais da Morte nos Séculos XVIII-XIX. *Pro-Posições*, 14 (12), p. 31-39.

Milanesi, C. (1991). Mort-instant et la mort-processus dans la médecine de la seconde moitié du siècle. *Dix-huitième Siècle*, 23, 171-190.

Nutton, V. (2017). *A medicina antiga*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Zola, E. (s.d). *A morte de Olivier Bécaille*. Edição Kindle.

